

ENTREVISTA COM RENATO LEVIN-BORGES¹

INTERVIEW WITH RENATO LEVIN-BORGES

ENTREVISTA CON RENATO LEVIN-BORGES

O eixo temático desta edição da SIG Revista é “violência e destrutividade”. Nos últimos meses, assistimos incrédulos a atos de extrema violência contra crianças e adolescentes nas comunidades escolares brasileiras. Assassinatos, abusos, ameaças e atentados propriamente ditos, em sua maioria planejados através da internet, deixaram familiares assustados e profissionais preocupados em compreender e, com isso, criar redes e recursos que possam tentar conter o crescimento dessa onda. A ideia é que possamos pensar possibilidades de enfrentamento diante desse cenário de expressões racistas, xenofóbicas, misóginas, neonazistas, enfim, de ódio e destruição. Para tanto, contamos com as reflexões do entrevistado Renato Levin-Borges.

– NOS ÚLTIMOS ANOS, HOUVE UM AUMENTO DA CULTURA DA VIOLÊNCIA PELA NORMALIZAÇÃO DE UM DISCURSO SOCIAL QUE AUTORIZA O TRATAMENTO DOS CONFLITOS SEM PASSAR PELA PALAVRA. ALÉM DISSO, VIVEMOS UM ISOLAMENTO SOCIAL IMPOSTO PELA PANDEMIA DE COVID-19. AMBAS AS SITUAÇÕES SÃO TRAUMÁTICAS E GERADORAS DE SOFRIMENTO PSÍQUICO. PODEMOS PENSAR NO INCREMENTO DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS RELACIONANDO ESSES FATORES?

Com certeza o isolamento, necessário e fundamental para o combate da COVID-19, foi um fator importante para a radicalização à direita dos jovens, sobretudo homens brancos. Há já indicadores que dão conta de como a socialização feita sobretudo pelas redes sociais causou a ampliação de teorias da conspiração e transformou as subjetividades. Foi durante a pandemia, por exemplo, que o TikTok se tornou um fenômeno global sendo o aplicativo mais baixado do mundo nos primeiros meses de isolamento por conta da COVID-19 em 2020. No TikTok há estudos que demonstram que conteúdos pró-anorexia eram mostrados para crianças de nove anos, por exemplo, assim como os jovens foram expostos a muitos conteúdos neonazistas, supremacistas brancos e ‘fancams’, tipo de produção que romantiza atiradores de escolas. Então, precisamos entender de um lado o processo de isolamento dos indivíduos radicalizados já pelas estratégias do capitalismo neoliberal, e aí temos um isolamento de presença física que atinge aqueles que se encontram em formação de suas identidades e são, sob determinados aspectos, mais vulneráveis às capturas de suas subjetividades e afetos. Todos os atiradores de escola no Brasil praticamente foram radicalizados nas redes sociais onde receberam apoio, suporte, ideias e combinaram eventualmente (muitos ataques ocorrem em duplas) com parceria para seus atos de violência.

¹ Bacharel e licenciado em Filosofia pela PUC-RS. Mestre e doutor em Educação pela UFRGS com tese sobre neoliberalismo e neofascismo. Produtor de conteúdo no Twitter, Instagram, TikTok e Youtube com o @nietzsche4speed. Professor de Filosofia na rede municipal de Porto Alegre. E-mail: nietzsche4speed@gmail.com

– PERCEBEMOS ESTAR HAVENDO NAS ESCOLAS UM CERCEAMENTO NA POSSIBILIDADE DE FALAR SOBRE POLÍTICA, COMO SE FALAR SOBRE POLÍTICA FOSSE FALAR DE POLÍTICA PARTIDÁRIA. NA SUA EXPERIÊNCIA, A ESCOLA TEM DEIXADO DE SER UM ESPAÇO DE REFLEXÃO E DISCUSSÃO DO QUE SE PASSA NA SOCIEDADE?

Este é outro ponto interessante de se analisar. Se atentarmos para a onda neofascista global que emerge no começo dos 2010, a apolitização era uma das estratégias operacionalizadas pela agenda da nova/velha extrema direita, já que a participação política pressupõe dois elementos intoleráveis para a extrema direita: a reflexão crítica e o pertencimento, a construção de comunidade que envolve não só debate de ideias, mas de presença física, escuta e fala. Não por acaso, relatórios que tratam da prevenção à radicalização à direita globalmente, assim como os recentes relatórios produzidos pelo Governo Federal, apontam para a constituição de grêmios estudantis nas escolas. É necessário constituir espaços de pertencimento nos quais os jovens não só se sintam parte de um grupo, mas percebam-se como agentes ativos da construção de algo que seja comunitário, que ultrapasse o isolamento de seus “eus” atomizados e isolados construídos pela percepção de disputa de todos contra todos que o capitalismo contemporâneo introjeta em nossas subjetividades.

– QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE A REFORMA DO ENSINO MÉDIO PROPOSTA PELA LEI 13.415/2017? VOCÊ VÊ ALGUMA RELAÇÃO ENTRE ESSA PROPOSTA E O INCREMENTO DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS?

Eu acho a Reforma do Ensino Médio tenebrosa, mas que dialoga profundamente com as noções de liberdade e meritocracia subjacentes ao diagrama de estratégias do neoliberalismo. A “liberdade de escolha” é a de produzir um cardápio de disciplinas, algumas esdrúxulas inclusive, bastante precarizadas que lembram a crítica de Paulo Freire ao “ensino bancário”, quase uma declaração aberta de reserva de mercado para os alunos das classes A e B de escolas particulares enquanto o aluno da periferia vai aprender tão somente o necessário para ser caixa de supermercado ou atendente de loja. O meu ponto, por óbvio, não é menosprezar estas profissões que são extremamente dignas, assim como são extremamente mal remuneradas, o ponto é o aprofundamento do fosso de desigualdade social e isto contribui com a violência nas escolas sobretudo porque o nihilismo, essa percepção de que nada tem sentido ou nada importa, tende a se aprofundar nas subjetividades dos jovens da escola pública que logo se aperceberão que o futuro possível a eles nesta terrível reforma será diminuto, será de subsistência econômica provavelmente, e só isso. Os sonhos, a esperança, todos eles se ligam à construção de sentido, e sob minha perspectiva, a Nova Reforma do Ensino Médio contribui com o nihilismo nos jovens.

– COMO VOCÊ ACHA QUE A IMPRENSA, A INTERNET E AS REDES SOCIAIS PODEM CONTRIBUIR PARA A PROPAGAÇÃO OU PARA A CONTENÇÃO DA VIOLÊNCIA?

A primeira coisa que a imprensa pode fazer é não divulgar nome, manifestos e fotos de quem comete ataque às escolas porque eles se valem da propagação de suas imagens e manifestos como propaganda. As redes sociais, por sua vez, deveriam coibir a propagação destes elementos pelos mesmos motivos, porém, a lógica do engajamento igual a dinheiro impera. É por esta razão que defendo a PL2630 de regulamentação das redes sociais, porque os casos mais recentes de ataques às escolas no Brasil, por exemplo, foram todos organizados

ENTREVISTA

e divulgados através do Twitter e Discord. Estas redes, que lembremos, são redes proprietárias, não são penalizadas por não regulamentarem a circulação de imagens e discursos de ódio. Compreendo que as pessoas queiram ajudar a justiça, ou se sintam indignadas e queiram execrar a foto e nome de quem comete atentados, mas assim acabam inadvertidamente produzindo o contrário, que é a propagação e disseminação de seus exemplos e ideias violentas.

– QUAIS AS PERSPECTIVAS E OS PROJETOS POSSÍVEIS DE ENFRENTAMENTO DESSA VIOLÊNCIA CUJA EFICÁCIA VOCÊ CONHECE OU SUGERE PARA O BRASIL?

Finalmente o Brasil está enfrentando esse problema o compreendendo dentro do espectro que já se entende ao redor do mundo: a captura e radicalização à extrema direita cujo espectro não é só transformar jovens em neonazistas, mas também opera por teorias da conspiração como os movimentos antivacina, o QAnon, dentre outras estratégias. Neste sentido, o Governo Federal brasileiro tem feito esforços tanto na produção de relatórios quanto nos serviços de inteligência para responsabilização judicial e criminal de suspeitos. O caminho passa, sob minha perspectiva e ancorado em experiências ao redor do mundo, na construção de espaços de presença, escuta, acolhimento e construção de laços de pertencimento. A desradicalização é mais complicada que a prevenção, mas ambas têm em seu cerne o problema do binômio não pertencimento/pertencimento. Eu sempre digo nas minhas aulas, palestras, participações em *lives*, entrevistas etc. que se nós não propiciarmos espaços para construção de laços de pertencimento e comunidade, a extrema direita sempre os dará e os acolherá. Se eu pudesse recomendar um primeiro passo seria: construam momentos e espaços de conversa e escuta com as pessoas. Fazer parte de uma comunidade eticamente saudável é a maior vacina para a radicalização à direita.